

Um arquivo de traduções: a revista *Laiazul* celebra Khalil Gibran

Maria Teresa Mhereb¹

Resumo: Este trabalho traz traduções comentadas para o português brasileiro de materiais textuais publicados em setembro de 1946 na *Laiazul*, periódico fundado no ano anterior em Santiago do Chile, por dois migrantes brasileiros de origem sírio-libanesa. Após breve apresentação da revista, encontra-se, primeiro, a tradução, feita a partir do espanhol, do artigo “*El día de Gibran*”. O artigo defende a instituição de um “Dia de Gibran” no Líbano, reivindicando a tradução como forma de reconhecimento da universalidade de sua literatura. Em seguida, há três versões das parábolas “*The Astronomer*” e “*The Two Learned Men*”, de Gibran Khalil Gibran: a) as traduções para o espanhol, que acompanhavam o artigo “*El día de Gibran*” na *Laiazul*; b) os respectivos textos-fonte em inglês, língua em que foram primeiro publicados por Gibran em 1918; e c) traduções para o português brasileiro. Todas as traduções em português brasileiro, partindo do espanhol ou do inglês, foram feitas especialmente para este trabalho, que busca compor, tal qual a própria *Laiazul*, um arquivo multilíngue de traduções.

Palavras-chave: Arquivo de traduções; Revista *Laiazul*; Khalil Gibran; Tradução e diáspora.

AN ARCHIVE OF TRANSLATIONS: *LAIAZUL* CELEBRATES KHALIL GIBRAN

Abstract: This paper presents comments and translations into Brazilian Portuguese of textual materials published in September 1946 in *Laiazul*, a journal founded in 1945 in Santiago, Chile, by two Brazilian migrants of Syrian-Lebanese descent. Following a brief introduction to the journal, the study first offers a translation, from Spanish, of the article “*El día de Gibran*”, which advocates for the establishment of a “Gibran Day” in Lebanon and foregrounds translation as a means of recognizing the “universality” of his literature”. The paper then presents three version of Khalil Gibran’s parables “*The Astronomer*” and “*The Two Learned Men*”: a) the Spanish translations published alongside “*El dia de Gibran*” in *Laiazul*; b) the corresponding English source texts; and c) translations into Brazilian Portuguese. All Brazilian Portuguese translations, whether based on the English or Spanish versions, were produced specifically for this study, which seek to assemble, like *Laiazul*, a multilingual archive of translations.

Keywords: Translation and Archive; *Laiazul* Magazine; Khalil Gibran; Translation and Diaspora.

¹ Pesquisadora na Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade de São Paulo (USP), realiza pós-doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: teresamhereb@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7458-8829>.

A *Laiazul*

Foram muitos os periódicos produzidos por migrantes e seus descendentes na diáspora árabe pelas Américas, embora a maior parte desses periódicos seja ainda pouco estudada. Entre eles, está a revista *Laiazul*, fundada em Santiago do Chile, em 1945, por um casal de brasileiros descendentes de sírios e libaneses: o poeta e tradutor Assis Féres (1912-1978)² e a pianista e tradutora Olga Féres Schain (1907-1987).

Miscelânea de textos literários e não literários, reflexões filosóficas, religiosas (de todas as confissões), biografias, ensaios sobre cultura, ciência e história, notícias sobre política e economia árabe e latinoamericana, com propagandas de indústrias geridas por famílias árabes na América do Sul e colunas sociais sobre membros dessas famílias, a *Laiazul* tinha como público-alvo geral migrantes árabes instalados no Chile, no Brasil e também na Argentina.

Dois de seus objetivos centrais estavam ligados à prática da tradução. O primeiro, divulgar a obra poética de Assis Féres, traduzida do português para o espanhol (e também para o inglês); o segundo, promover, por meio da veiculação de textos variados (o que incluía traduções), relações “fraternalistas” entre os povos, a partir de uma ética “universalista”.³ Conforme o editorial do primeiro número⁴ publicado em julho de 1945 e assinado por Olga Schain:

Estamos de passagem pelo continente hispano-americano, pensando na forma que nos conduzirá à terra de nossa procedência. Antes de transformar esse sonho em realidade palpável, realizamos esta publicação com o propósito de revelar uma expressão simbolizante de nossos sentimentos, uma fraternal lembrança aos grandes povos da América, entre as amizades que temos nos países de língua castelhana, e divulgar, com isso, uma grande parte da obra do consagrado poeta brasileiro Assis Féres, vertida de seu idioma matriz – o português. Daí nasceu a ideia da Laiazul [...]

Outro objetivo desta revista é “trabalhar em prol de um mundo totalmente livre para homens civilizados e livres”, organizando a base de acordos de amizade e de igualdade de direitos entre povos e nações dentro de um processo de vida universal que mantenha a existência da liberdade e da paz no imenso coração do mundo.”⁵ (tradução nossa; destaques nossos)

Hoje, doze números da *Laiazul*, publicados em espanhol entre 1945 e 1949 (incluindo o primeiro e sétimo, aqui citados), podem ser consultados no acervo digital do Moise A. Khayrallah Center for Lebanese Diaspora Studies, da North Carolina State University (Estados Unidos).⁶

² Sobre resultados do mapeamento do acervo do Instituto da Cultura Árabe (ICArabe), em São Paulo, que permitiu localizar Assis Féres entre autores árabes diaspóricos, cf. Christina Stephano de Queiroz, “Mascates: heróis errantes que ofuscam a história da imigração?” (2024). Olga Schain

³ Uma ética que não é unívoca, mas que assume variadas formas políticas nos textos dos diferentes autores, indo de pontos de vista que flertam com o socialismo até os que poderiam ser considerados como liberais. A exploração dos matizes políticos veiculados na *Laiazul* serão objeto de descrição e análise em outra ocasião.

⁴ Os primeiros números da *Laiazul* tinham como subtítulo “*Revista de Ciencias y Letras de Oriente y Occidente*”, o qual seria alterado ao longo do tempo.

⁵ Ver transcrição diplomática do texto-fonte em espanhol no Apêndice A.

⁶ O acervo digital do Moise A. Khayrallah Center for Lebanese Diaspora Studies pode ser consultado em: <https://arabicsearch.org/home>.



Figura 1: À esquerda: capa da *Laiazul*, n. 1, 1945; à direita: capa da *Laiazul*, n. 7, 1946.
Fonte: Moise A. Khayrallah Center for Lebanese Diaspora Studies – North Caroline State University.

Traduzir pela amizade entre os povos: Khalil Gibran na *Laiazul*

Refletindo o caráter multilíngue da diáspora árabe nas Américas, a *Laiazul* transitava entre o espanhol, o português, o inglês, o árabe e o francês. Situada num cruzamento de línguas-culturas, a publicação de traduções era uma prática corrente da revista, entre 1945 e 1949. Essas traduções (de textos literários e não literários) eram produzidas por seus editores, Assis Féres e Olga Schain, mas possivelmente não apenas, já que muitas vezes, conforme prática comum à época, não se indicava o nome da tradutora ou tradutor. Via de regra, os editores também não davam informações sobre a língua de partida da tradução, se ela havia sido publicada em algum veículo anterior ou produzida especialmente para a revista.

Fato é que parte significativa das traduções que a *Laiazul* veiculou de 1945 a 1949, como mostra uma consulta aos doze números da revista disponíveis online, era de autores de origem árabe, entre os quais o próprio Assis Féres, (auto)traduzido do português para o espanhol e o inglês. Autores de expressão anglófona eram frequentes, como é o caso de Gibran Khalil Gibran (1883-1931), escritor, pensador e desenhista libanês emigrado para os Estados Unidos. Já no primeiro número da revista, apareceria a tradução para o espanhol de uma das parábolas de seu livro *The Madman* (*O louco*), publicado originalmente em inglês, em Nova York, em 1918. O título da parábola é sugestivo: “*El otro idioma*” (“*The other language*”, em inglês; ou “*A outra língua*”, em português).

No número 7, publicado em setembro de 1946⁷, Gibran estaria presente novamente. Para celebrar sua obra, é publicado o artigo “*El día de Gibran: el maestro del pincel y de la pluma*”. Nesse texto — que pode ser lido aqui em tradução do espanhol para o português brasileiro sob o título “O dia de Gibran, mestre do pincel e da pena” —, a obra do libanês é reivindicada como “literatura universal”. Denotando o prestígio de Gibran entre os editores da *Laiazul*, seus autores (não identificados) sugerem ao governo libanês⁸ a instituição do “Dia de Gibran”.

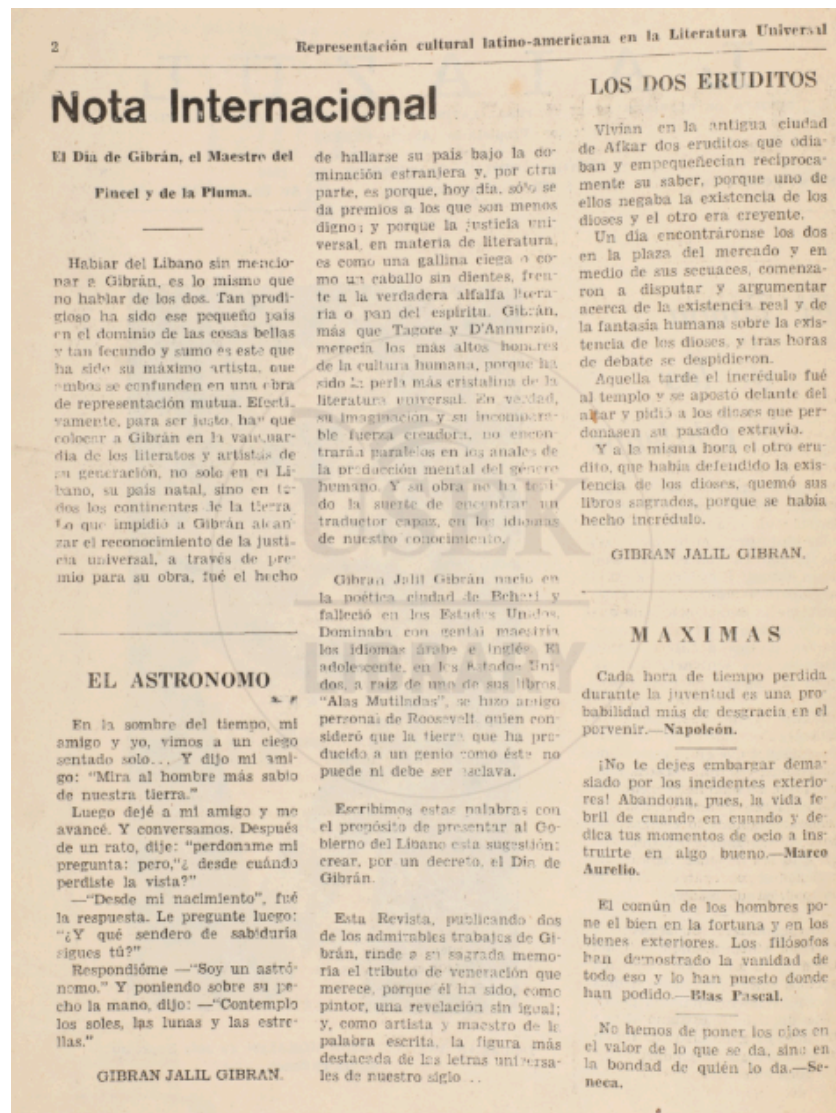


Figura 2: Página em que foi publicado “*O dia de Gibran. Mestre do Pincel y de la Pluma*”, junto às traduções de “*El astrónomo*” e “*Los dos eruditos*”, de Kahlil Gibran. *Laiazul*, n. 7, setembro de 1946, p. 2.

Ao fundo, a marca “USEK Library”. Trata-se da Holy Spirit University of Kaslik, sediada no Líbano.

Fonte: Moise A. Khayrallah Center for Lebanese Diaspora Studies – North Caroline State University.

⁷ No número 7, de 1946, em que foi publicado o artigo “*El día de Gibrán*”, o subtítulo da revista passava a ser “*Revista de Representación Cultural Latinoamericana en la Literatura Universal*” (tal qual se vê na reprodução da imagem de sua capa), substituindo “*Revista de Ciencias y Letras de Oriente y Occidente*”.

⁸ Naquele momento, presidido por Bechara El Khoury, conhecido por seu papel na construção do Pacto Nacional libanês. Não entramos, neste trabalho, na discussão de como os editores da *Laiazul* tratavam questões políticas da época, já que isso renderia um novo texto, que, esperamos, possa vir a público em breve.

Quando “*El día de Gibran*” foi publicado, duas outras parábolas de *The Madman*, traduzidas do inglês para o espanhol, o acompanhavam: “*El astrónomo*” (“*The Astronomer*”) e “*Los dos eruditos*” (“*The Two Learned Men*”). Aqui, pode-se notar a prática de tradução como forma de homenagem, já que a escolha de quem e do que traduzir sinaliza o valor dado, por quem traduz e/ou veicula a tradução, à obra e ao autor em sua língua-cultura de partida, assumindo que autor e obra merecem ser lidos também por quem habita outro contexto linguístico-cultural.

Mas, para os editores da *Laiazul*, a prática da tradução era também mais do que isso: era um meio, um instrumento para o contato entre os povos — ou, antes, para empregar as palavras dos próprios editores da *Laiazul*, um “trabalho” para a “amizade” entre os “povos e nações [...] no imenso coração do mundo” (Editorial *Laiazul*, n. 7, 1946). Dito de outra forma, é pela tradução que se tornam possíveis as relações de “amizade” e “paz” entre povos de diferentes línguas e culturas, “dentro de um processo de vida universal”, em que as culturas se reconhecem reciprocamente.

Em “*El día de Gibran*”, essa visão da tradução é parte do argumento que explica os motivos para o não reconhecimento da “universalidade” do escritor libanês até aquele momento, e que poderia ocorrer “por meio de um prêmio à sua obra”. Além do fator político, isto é, “o fato de seu país se encontrar sob domínio estrangeiro”, a obra de Gibran não teria tido “a sorte de encontrar um tradutor capacitado, nos idiomas de nosso conhecimento”. Aqui, não fica claro que tipo de tradutor seria “capacitado” para traduzir Gibran. Em todo caso, com efeito, ainda hoje é difícil rastrear traduções de *The Madman* para o espanhol ou português produzidas até 1946, ano de publicação do número 7 da *Laiazul*.

Por outro lado, traduções de outros livros de Gibran já circulavam na América Latina desde as décadas de 1910-1920. Esse é o caso, por exemplo, de *Al-ajniḥah Al-mutakassirah*⁹, livro publicado em 1912 em árabe pelo escritor libanês e referido em “O dia de Gibran” como *Alas mutiladas*.¹⁰ No Brasil, foi precisamente com o título *Asas mutiladas* que José Mereb — libanês emigrado para o Brasil e que fora amigo de infância de Gibran — publicou sua tradução em 1921, na cidade de Pelotas (RS).¹¹ Mais ao norte, no Equador, circulava, desde 1925, a tradução de Jorge E. Adoum (também feita diretamente do árabe), chamada *Las alas rotas*.¹² O circuito percorrido por essas traduções no interior de suas culturas parece, contudo, ter sido reduzido.

É com perspectiva semelhante à da *Laiazul* que trazemos, a seguir, a tradução do espanhol para o português brasileiro do artigo “*El día de Gibran*”. Logo depois, as duas parábolas de Gibran que o acompanhavam — “*El astrónomo*” e “*Los dos eruditos*” — são apresentadas lado a lado com seus respectivos textos-fonte em inglês (a partir da edição estadunidense de Alfred A. Knoff, de 1973) e também com traduções para o português brasileiro, produzidas especialmente para este trabalho.¹³

⁹ Translitterações baseadas na tabela ALA-LC (American Library Association - Library of Congress).

¹⁰ O livro foi traduzido nos Estados Unidos por Anthony Ferris como *The Broken Wings*, e publicado em 1957 pela Citadel Press.

¹¹ Cf. Luís Rubira, “Carta de Gibran conduz Mereb a traduzir *O profeta*”, *A Hora do Sul*, 25/10/2025.

¹² No Brasil, está atualmente em circulação a tradução de Emil Farhat e Tárik de Souza Farhat, publicada pela Record em 2021 e intitulada *Asas partidas*.

¹³ Atualmente, todas as parábolas de *The Madman* podem ser encontradas em tradução de Dinah Abreu de Azevedo na edição brasileira intitulada *O louco* (2003).

É para as amizades entre os povos e para a preservação e produção de novas memórias que buscamos construir este arquivo de traduções — necessariamente multilíngue, como a diáspora árabe nas Américas.

O dia de Gibran, mestre do pincel e da pena¹⁴

Laiazul, 1946

Falar do Líbano sem mencionar Gibran é o mesmo que não falar de nenhum dos dois. Tão prodigioso é esse pequeno país no domínio das belas artes e tão fecundo e sublime é este que foi seu máximo artista, que ambos se confundem em uma obra de representação mútua. Efetivamente, para ser justo, é preciso colocar Gibran na vanguarda dos literatos e artistas de sua geração, não apenas do Líbano, seu país natal, mas de todos os continentes da terra. O que impediu Gibran de alcançar o reconhecimento da justiça universal, por meio de um prêmio à sua obra, foi o fato de seu país se encontrar sob domínio estrangeiro, e, por outro lado, porque, hoje em dia, só se concedem prêmios aos menos dignos, e também porque a justiça universal, em matéria de literatura, é como uma galinha cega ou um cavalo sem dentes diante da verdadeira alfafa literária ou do pão do espírito. Gibran, mais do que Tagora e D'Annunzio, merecia as mais altas honras da cultura humana, porque é a pérola mais cristalina da literatura universal. Na verdade, sua imaginação e força incomparável não encontram paralelos nos anais da produção intelectual do gênero humano. Além do mais, sua obra não teve a sorte de encontrar um tradutor capacitado, nos idiomas de nosso conhecimento.

Gibran Khalil Gibran nasceu na poética cidade de Bchari, e faleceu nos Estados Unidos. Dominava com genial maestria os idiomas árabe e inglês. Quando jovem, nos Estados Unidos, devido a um de seus livros, *Asas mutiladas*, tornou-se amigo pessoal de [Franklin] Roosevelt, que considerava que a terra que gerou um gênio como aquele não poderia nem deveria ser escravizada.

Escrevemos estas palavras com o propósito de apresentar ao Governo do Líbano esta sugestão: criar, por decreto, o Dia de Gibran.

Esta Revista, ao publicar dois dos admiráveis trabalhos de Gibran, rende à sua sagrada memória a homenagem e a veneração que merece, porque Gibran foi, como pintor, uma revelação sem igual; e, como artista e mestre da palavra escrita, a figura mais notável das letras universais de nosso século...

¹⁴ Ver transcrição diplomática do texto-fonte em espanhol no Apêndice B.

“The Astronomer”, de Gibran Khalil Gibran

“El astrónomo” (1946)	“The Astronomer” (1918)	“O astrônomo” (2026) ¹⁵
Tradução veiculada pela <i>Laiazul</i> , n. 7, 1946.	Em <i>The Madman</i> . Nova York: Alfred A. Knoff, 1973 [1918], p. 59.	Tradução de Maria Teresa Mhereb, a partir do texto-fonte em inglês. Para o presente número da <i>Exilium</i> .
En la sombre del tiempo [sic], mi amigo y yo vimos a un ciego sentado solo... Y dijo mi amigo: “Mira al hombre más sabio de nuestra tierra.” Luego dejé a mi amigo y me avancé. Y conversamos. Después de un rato, dije: “perdoname mi pregunta: pero, desde cuándo perdiste la vista?” – “Desde mi nacimiento”, fué la respuesta. Le pregunté luego: “Y qué sendero de sabiduría sigues tú?” Respondióme: “Soy un astrónomo.” Y poniendo sobre su pecho la mano, dijo: – “Contemplo los soles, las lunas y las estrellas.”	In the shadow of the temple my friend and I saw a blind man sitting alone. And my friend said, “Behold the wisest man of our land.” Then I left my friend and approached the blind man and greeted him. And we conversed. After a while I said, “Forgive my question; but since when hast thou been blind?” “From my birth,” he answered. Said I, “And what path of wisdom followest thou?” Said he, “I am an astronomer.” Then he placed his hand upon his breast saying, “I watch all these suns and moons and stars.”	À sombra do templo, meu amigo e eu avistamos um homem cego sentado sozinho. E meu amigo disse: – Veja, aquele é o homem mais sábio da nossa terra. Então, deixei meu amigo e me aproximei do homem cego e o cumprimentei. E conversamos. Depois de um tempo, eu lhe disse: – Perdoe minha curiosidade, mas desde quando o senhor é cego? – Desde que nasci, ele respondeu. E eu disse: – E qual caminho da sabedoria o senhor seguiu? Ele disse: – Sou astrônomo. E então colocou a mão sobre o peito dizendo: – Observo todos esses sóis e essas luas e estrelas.

¹⁵ Talvez um comentário da tradutora seja pertinente aqui. O uso do polissíndeto (repetição da conjunção “e”) e da anáfora (repetição do verbo “dizer, conjugado como “disse”) na tradução procura ecoar o emprego desses recursos no texto-fonte em inglês, cuja estrutura narrativa e ritmo são organizados por “and” e “said” (passado do verbo “say” [dizer]). O texto-fonte em inglês repercute, por sua vez, convenções narrativas da língua árabe, expressas pela conjunção “wa” (و [e]) e formas do verbo “qāla” (قال [dizer]). Assim, a tradução brasileira, realizada por uma descendente da migração libanesa no Brasil, insere-se numa quadrangulação diaspórica de línguas-culturas (entre o árabe, o inglês, o espanhol e o português brasileiro) que admite a vida de umas nas outras, num sujeito e numa coletividade.

“The Two Learned Men”, de Gibran Khalil Gibran

“Los dos eruditos” (1946)	“The Two Learned Men” (1918)	“Os dois sábios” (2026) ¹⁶
Tradução veiculada pela <i>Laiazul</i> , n. 7, p. 2, 1946.	Em <i>The Madman</i> . Nova York: Alfred A. Knoff, 1973 [1918], p. 64.	Tradução de Maria Teresa Mhereb, a partir do texto-fonte em inglês. Para o presente número da <i>Exilium</i> .
Vivían en la antigua ciudad de Afkar dos eruditos que odiaban y empequeñecían recíprocamente su saber, porque uno de ellos negaba la existencia de los dioses y el otro era creyente. Un día encontráronse los dos en la plaza del mercado y en medio de sus secuaces, comenzaron a disputar y argumentar acerca de la existencia real y de la fantasía humana sobre la existencia de los dioses, y tras horas de debate se despidieron. Aquella tarde el incrédulo fué al templo y se apostó delante del altar y pidió a los dioses que perdonasen su pasado extravío. Y a la misma hora el otro erudito que había defendido la existencia de los dioses, quemó sus libros sagrados, porque se había hecho incrédulo.	Once there lived in the ancient city of Afkar two learned men who hated and belittled each other's learning. For one of them denied the existence of the gods and the other was a believer. One day the two met in the marketplace, and amidst their followers they began to dispute and to argue about the existence or the non-existence of the gods. And after hours of contention they parted. That evening the unbeliever went to the temple and prostrated himself before the altar and prayed the gods to forgive his wayward past. And the same hour the other learned man, he who had upheld the gods, burned his sacred books. For he had become an unbeliever.	Na antiga cidade de Afkar, viviam dois sábios que odiavam e menosprezavam os saberes um do outro. Pois um deles negava a existência de deuses e o outro acreditava neles. Certo dia, os dois se encontraram na praça do mercado e, em meio a seus seguidores, começaram a debater e a argumentar acerca da existência ou inexistência dos deuses. E depois de horas de contenda, separaram-se. Naquela noite, o descrente foi ao templo e se prostrou diante do altar e rezou aos deuses para que perdoassem seu passado errante. No mesmo instante, o outro sábio, que defendera os deuses, queimava seus livros sagrados. Pois havia se tornado descrente.

¹⁶Aqui o desafio da tradução é manter uma relação de igualdade e reciprocidade entre os dois personagens. Novamente, o polissíndeto é central, inclusive para ordenamento dos paralelismos e antíteses, que procurei traduzir também pelo som. Ou seja, o texto foi traduzido como uma história para ser lida em voz alta, que se conta em uma conversa ou antes de dormir, como conselho a um amigo em situação de aporia, e não como mensagem silenciosa ou saber transmitido em segredo.

Referências bibliográficas

- Féres, Assis. (1946). El día de Gibran. *Laiazul – Revista de Representación Cultural Latinoamericana en la Literatura Universal*, n. 7.
- Gibran, Khalil. (2021). *Asas partidas*. (Emil Farhat e Tárík de Souza Farhat, Trads.). Rio de Janeiro: Record.
- Gibran, Khalil. (2003). *O louco*. (Dinah Abreu Azevedo, Trad.). São Paulo: Aquariana.
- Gibran, Khalil. (1973). *The Madman. His Parables and Poems*. Nova York: Alfred A. Knoff [1918].
- Gibran, Kahlil. (1957). *The Broken Wings*. (Anthony R. Ferris, Trad.). Nova York: Citadel Press.
- Gibran, Khalil. (1925). *Las alas rotas*. (Jorge E. Adoum, Trad.). Ambato: Imprenta Escolar.
- Gibran, Khalil. (1921). *As asas mutiladas*. (José Mereb, Trad.). Pelotas.
- Queiroz, Christina S. (2024). Mascates: heróis errantes que ofuscam a história da imigração? *Exilium – Revista de Estudos da Contemporaneidade*, v. 5, n. 8. DOI: 10.34024/exilium.v5i8.16342.
- Rubira, Luís. (2025). Carta de Gibran conduz Mereb a traduzir 'O profeta'. *A Hora do Sul*, 25 out. 2025.
- Schain, Olga. (1945). Editorial. *Laiazul – Revista de Ciencias y Letras de Oriente y Occidente*, n. 1.

Apêndices

Apêndice A

Olga Schain, "Editorial".

Fonte: *Laiazul*, n. 1, p. 1, 1945.

Estamos de paso por el continente hispano americano pensando en la forma que nos conducirá a la tierra de nuestra procedencia. Antes de transformar ese sueño en una realidad palpable, realizamos esta publicación con el propósito de revelar como una expresión simbolizante de nuestros sentimientos, un fraternal recuerdo a los grandes pueblos de América, entre las amistades que tenemos en los países de habla castellana, y divulgar, con eso, una gran parte de la obra del consagrado poeta brasileño don Assis Féres vertida de su idioma matriz – el portugués. De ahí nació la idea de "Laiazul" [...]

Otro objetivo de esta revista es "trabajar en pro de un mundo totalmente libre para hombres civilizados y libres", organizado a base de acuerdos de amistades y de igualdad de derechos entre pueblos y naciones dentro de un proceso de vida universal que mantenga la existencia de la libertad y la paz en el inmenso corazón del mundo. [...]

Apêndice B

“El Día de Gibrán, el Maestro del Pincel y de la Pluma” (não assinado)

Fonte: *Laiazul*, n. 7, p. 2, 1946.

Hablar del Líbano sin mencionar a Gibrán es lo mismo que no hablar de los dos. Tan prodigioso ha sido ese pequeño país en el dominio de las cosas bellas y tan fecundo y sumo es este que ha sido su máximo artista, que ambos se confunden en una obra de representación mutua. Efectivamente, para ser justo, hay que colocar a Gibrán en la vanguardia de los literatos y artistas de su generación, no solo en el Líbano, su país natal, sino en todos los continentes de la tierra. Lo que impidió a Gibrán alcanzar el reconocimiento de la justicia universal, a través de premio para su obra, fué el hecho de hallarse su país bajo la dominación extranjera y, por otra parte, es porque, hoy día, sólo se da premios a los que son menos dignos, y porque la justicia universal en materia de literatura es como una gallina ciega o como un caballo sin dientes, frente a la verdadera alfalfa literaria o pan del espíritu. Gibrán, más que Tagore y D'Annunzio, merecía los más altos honores de la cultura humana, porque ha sido la perla más cristalina de la literatura universal. En verdad su imaginación y su incomparable fuerza creadora, no encontrarán paralelos en los anales de la producción mental del género humano. Y su obra no ha tenido la suerte de encontrar un traductor capaz, en los idiomas de nuestro conocimiento.

Gibran Jalil Gibrán nació en la poética ciudad de Bchari y falleció en los Estados Unidos. Dominaba con genial maestría los idiomas árabe e inglés. El adolescente, en los Estados Unidos, a raíz de uno de sus libros “Alas Mutiladas”, se hizo amigo personal de Roosevelt, quien consideró que la tierra que ha producido a un genio como éste no puede ni debe ser esclava.

Escribimos estas palabras con el propósito de presentar al Gobierno del Líbano esta sugerión: crear por un decreto el Día de Gibrán.

Esta Revista, publicando dos de los admirables trabajos de Gibrán, rinde a su sagrada memoria el tributo de veneración que merece, porque él ha sido como pintor, una revelación sin igual; y, como artista y maestro de la palabra escrita, la figura más destacada de las letras universales de nuestro siglo...

DOI desta publicação: <https://doi.org/10.34024/12dvjr28>.